

REPERCUSSÕES DA PANDEMIA DO SARS-COV-2 NO RASTREIO DO CÂNCER DE MAMA NO BRASIL

Congresso Nacional Online de Clínica Médica, 1ª edição, de 19/07/2021 a 21/07/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-47-0

SANTOS; Matheus Oquendo Martins dos¹

RESUMO

Os mecanismos para o combate da pandemia do SARS-CoV-2 no Brasil, como o distanciamento social e telemedicina, além do medo populacional, impactaram as estratégias preventivas contra diversas doenças, incluindo o câncer de mama. Nessa óptica, a mamografia é a principal ferramenta indicada pela Organização Mundial da Saúde por diminuir diagnósticos em estágios mais avançados, a mortalidade e por elevar a sobrevida. A política brasileira acompanha as diretrizes do Instituto Nacional de Câncer, com rastreamento bienal e para a faixa etária dos 50 aos 69 anos. Outras recomendações instauradas por sociedades médicas nacionais, ao seguirem padrões internacionais, defendem o rastreio anual a partir dos quarenta. Mesmo com divergências, as organizações convergem na importância da mamografia e na necessidade de fortalecer o rastreio do câncer principalmente em épocas que as estratégias de saúde estão sendo bastante prejudicadas. O presente estudo, então, verificou se a pandemia do SARS-CoV-2 no Brasil impactou o rastreio do câncer de mama nas faixas etárias de 40 a 49 anos, 50 a 59 e 60 a 69 anos, a partir do número de mamografias realizadas no período entre 2018 a 2020. Metodologicamente, o trabalho epidemiológico, descritivo e analítico, de série temporal, foi operado a partir de dados secundários provindos do Sistema de Informação de Agravos e Notificação - SINAN/DATASUS - e do Sistema de Informação do Câncer (SISCAN). Após transferidos dos sistemas para o Microsoft Excel, os dados foram postos em frequências e médias simples. Ademais, as notificações consideradas referem-se as mamografias realizadas com indicação clínica para rastreamento, excluindo aquelas com indicação diagnóstica. Desse modo, os resultados mostram que entre 2018 a 2020, foram realizadas 7.544,628 mamografias. Em 2018, 2.510,002; em 2019, 2.737,041; e em 2020, 1.662,947. A média de exames realizados pela faixa etária de 40 a 49 corresponde a cerca de 675,639 por ano; da faixa dos 50 a 59 anos, a média aproxima-se a 1.009,098; já a faixa de 60 a 69 anos, a média foi de 618,592. Em todas elas a menor taxa de realização ocorreu no ano de 2020, sendo 495,88, para primeira faixa etária; 724.726, para a segunda; e 442.333, para a terceira. Já a maior taxa ocorreu no ano de 2019, sendo valores respectivos de 801,292; 1.196,355; e, por fim, 730,294. À luz dos dados, nota-se que a principal ferramenta de rastreio contra o câncer de mama teve a sua aplicação reduzida de maneira significativa em 2020, ano, no qual, a pandemia do SARS-CoV-2 eclodiu, principalmente quando comparada ao ano pré-pandêmico, 2019. Ainda, a faixa etária que parece ter sido maior prejudicada foi a de idosos entre 60 a 69 anos. Desse

¹ UniFTC, matheusoquendo@icloud.com

modo, visto a continuidade da pandemia, faz-se imperativa a aplicação de maiores forças nas políticas públicas brasileira de difusão e execução da mamografia para que a busca do exame seja ainda mais evidenciada e sejam protegidas populações mais vulneráveis para tal patologia.

PALAVRAS-CHAVE: Mamografia, Neoplasias da Mama, Pandemia, Rastreamento, SARS-CoV-2